



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**  
**NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**CLADISSON RAFAEL PEREIRA DE MÉLO**  
**NICOLE ELLEN MARTINS SIMÕES**

**“É BABADO!”**: Um documentário de curta-metragem sobre a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ na quadrilha junina Flor do Caruá

**Caruaru**

**2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
NÚCLEO DE DESIGN E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**RELATÓRIO CIENTÍFICO**

**“É BABADO!”: Um documentário de curta-metragem sobre a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ na quadrilha junina Flor do Caruá**

**CLADISSON RAFAEL PEREIRA DE MÉLO<sup>1</sup>**

**NICOLE ELLEN MARTINS SIMÕES<sup>2</sup>**

**Caruaru**

**2023**

---

<sup>1</sup> Graduando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste.  
E-mail: cladisson.melo@ufpe.br

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste.  
E-mail: nicole.martins@ufpe.br

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Mélo, Cladisson Rafael Pereira de.

É BABADO!: Um documentário de curta-metragem sobre a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ na quadrilha junina Flor do Caruá / Cladisson Rafael Pereira de Mélo, Nicole Ellen Martins Simões. - Caruaru, 2023.

56p. : il.

Orientador(a): Iomana Rocha de Araújo Silva

Orientador(a): Fabiana Moraes da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, Comunicação Social, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Documentário. 2. Quadrilha Junina. 3. LGBTQIAPN+. 4. Sociabilidade.  
I. Simões, Nicole Ellen Martins. II. Silva, Iomana Rocha de Araújo.  
(Orientação). III. Silva, Fabiana Moraes da. (Orientação). IV. Título.

300 CDD (22.ed.)

À todas as pessoas LGBTQIAPN+ que constroem a cultura popular brasileira. Que, mesmo com todo o apagamento e tentativas de exclusão, seguem acreditando no poder transformador das brincadeiras populares. Ainda que muitos, sustentados pelo conservadorismo, tentem impedir o trânsito de nossos corpos e queiram o silêncio de nossas vozes, seguimos, historicamente, transformando, incluindo, valorizando e fazendo a cultura popular resistir.

À todos realizadores independentes do audiovisual do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, de Caruaru e também de Pernambuco. Produzir cinema sem recursos sempre foi e ainda é um grande desafio, mas com o apoio e impulso de quem veio antes e ainda faz desse modo, é muito instigador. Produzir cinema independente é também entender de onde nasce a qualidade e o amor pelo cinema feito aqui. A realização audiovisual em Caruaru tem crescido e acreditamos que essa força vem da vontade de contar nossas histórias, com palavras e narrativas próprias. No Agreste também existem referências.

Ao Cinema Pernambucano e à Brodagem, toda glória e agradecimento. Acreditar que nosso estado é berço de produções cinematográficas importantíssimas para a História do Cinema é o que nos faz valorizar a produção de onde nascemos e crescemos. É emblemático saber que Pernambuco é grande referência quando se trata de produção e incentivos culturais, e pensar nisso sempre nos impulsionou a acreditar na força e importância desse documentário. De certo modo, intrinsecamente levamos um pouco de cada produção que assistimos, desde quando nos entendemos como transformadores sociais, para cada filme que produzimos.

À Universidade Pública, responsável por mais de 90% da pesquisa no país, com sua ciência, suas políticas, educação e projetos. Que promove transformação social, dentro e fora dos campi, mudando a vida de muitas pessoas e que simultaneamente estimula o desenvolvimento econômico do Brasil.

Também dedicamos este trabalho aos artistas e brincantes das quadrilhas juninas de Caruaru, em especial à Junina Flor do Caruá por acolher este projeto e nos ceder espaço para pesquisa, representados e representadas neste

documentário pelas damas Manuely Tavares e Beatriz - Berva Nascimento - que  
abrilhantam a brincadeira e contam suas histórias dentro e fora das quadras.

## AGRADECIMENTOS DE CLADISSON

Agradeço aos familiares que de alguma forma contribuíram para minha educação. Representados aqui pela minha mãe Maria Rosineide, que abdicou de muitas coisas da vida para criar seus filhos e netos; e minha irmã Mariana Nicolle, que, assim como eu, também acredita na educação como proporcionadora de uma vida melhor.

À todas as professoras e professores que me ensinaram o valor da educação, principalmente nessa trajetória acadêmica que fez minha formação ser transformadora. Meu enorme carinho e agradecimento à Amanda Mansur pelo Cinema Pernambucano afetivo; Adelina Pontual por fazer eu me apaixonar ainda mais pelo Cinema Brasileiro; Amílcar Bezerra pelas reflexões sobre música; Diego Gouveia pelas crônicas e possibilidades do Jornalismo; Giovana Mesquita por incentivar uma comunicação democrática e comunitária; Izabela Domingues por mostrar a importância da expressão "não ouvir E emocionar"; Juliana Leitão e Dani Brachi por me ensinarem que fotografia é sentimento, arte, memória, discurso e História; Ricardo Sabóia por Cultura de Massas, ensinar sobre masculinidades e me fazer perceber que Bichas são close, brilho e poder; Rodrigo Barbosa por me fazer entender que as tecnologias podem destruir muita coisa, mas também pode ajudar; e Sheila Borges por me lembrar que não só comunicação, tudo é político.

À Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste e Curso de Comunicação Social, agradeço por me proporcionarem um ensino de qualidade, gratuito e interiorizado. Sem a presença da UFPE em Caruaru, talvez eu não tivesse ingressado no ensino superior federal, nem mudado minha vida.

Aos meus colegas e amigos de turma, que fizeram os dias no Polo ou CAA serem tão importantes. Em especial ao meu grupo, que iniciou comigo e esteve sempre junto: Sérgio, Rafael, Gabriella, Luis e Nathália. Obrigado por tudo. Também à Sthephannie, Thalícia, Fátima, Adriele, Sarah, Bárbara, Marília, Adson e João pela amizade além da universidade.

Aos meus amigos que chegaram em 2018 e compartilharam comigo carinho e afetos. Jeferson, Gabriel, César, Thiago, Rauany e Rose. Obrigado pelos momentos maravilhosos e memórias que me proporcionaram. Amo vocês. Aos demais, Daniel, Vick, Samara e Dani pelos incentivos.

Ainda, mas não menos importantes, a todos amigos que fiz durante a graduação e que de alguma forma me acompanham pela vida. Obrigado por tornarem as coisas mais leves. À Josy, Gustavo, Estela, Karol, Pedro e Luan Ferreira pela companhia e apoio.

A Pedro Vinicius por também ter sido família e me dado suporte e apoio todos esses anos, tanto na vida quanto na universidade; e a família dele que me acolheu. À Aryallen e Adrielly pelas noites dançando na sala.

À Géssica Amorim por ser inspiração na vida, na universidade e no Jornalismo, pela amizade bonita, companheirismo valioso, por ter me apoiado sempre que precisei (inclusive na pandemia) e por me convidar para seu projeto potente, o Coletivo Acauã. Muito obrigado por tudo, falsinha. Te amo e admiro demais.

Às “agitadoras culturais e xxxxxxx” do CAA Matheus, Guilherme, Caleb, Lucas e Thiago, que estiveram comigo nesse último semestre, nas salas, sofás e corredores ou restaurante universitário. Obrigado pelos risos. Avisa!

À Abade, Anny, Beafs, Wilson, Reos, Garu, Bruno, Gabriel, Duda, Talles, Karina, Júlia, Luma, Túlio, Yuri, Rodrigo, Gabrilla, Jana, Maria Rita, Melão, Paula, Rose, Abyny, Wagner, Vx, Gabriel Paulo, DJ, Jessie, Nagasaki, César, Luiz e Vini do grupo Lagrimeires 2000 que têm sido uma grande família para mim desde que Xan, nossa mamis fundadora, nos uniu da melhor forma. Em especial destaque Anny, Garu e Jean Clywton que me acolheram em Natal e sempre proporcionaram momentos leves e felizes; e Abade que me recebeu em BH e me apresentou gente de bem: Eduardo, Anamaria e Val. Os encontros com todos vocês sempre me salvaram.

À Lio, Lay e Jean, da banda Tuyó, por serem incríveis e inspirarem tanta gente. Agradeço pela companhia todos os dias, pela arte de vocês e por terem me presenteado com a família Lagrimeires 2000. Sinto vocês e agradeço pelos afetos. Um sonho antigo acaba de se realizar. *AAAU!*

A Felipe, por ter me proporcionado outra possibilidade para o amor, nas nuances de azul, sol e sorriso - meu boiolo favorito. Te amo como o mar.

À Wesleyanne Ramos, que esteve junto no “Bichas Aliadas” e com certeza faz parte do embrião desse novo documentário. Obrigado por tudo, amiga.

À família de Nicole, Marlene Martins e Felipe Martins, por me receberem em sua casa e nos incentivarem todos esses últimos dias. Obrigado pela comida, pelos sushis, acarajés, bolos, biscoitos, pela diversão e pelo tempo.

À Fabiana Moraes, grande referência acadêmica, profissional e pessoal por tudo que me ensinou durante a graduação, pelo apoio e incentivo que sempre me deu e por também ter orientado esse trabalho, desde o “Bichas Aliadas”.

À Iomana Rocha, também referência acadêmica, profissional e pessoal, pela orientação e suporte durante esse documentário, por incentivar minha paixão pelo cinema independente e me fazer ver as possibilidades de produção a baixo custo, apesar de tudo. Obrigado pelas contribuições.

Agradeço aos membros da banca examinadora, Fabiana Moraes e Hugo Menezes, pelo interesse e disponibilidade.

À Manuelyly Tavares e Berva Nascimento por se disponibilizarem e se dedicarem a participar desse projeto e por serem cultura viva. Estendo os agradecimentos à Junina Flor do Caruá, integrantes e dirigentes, que fazem da Cultura Popular, um espaço inclusivo e diverso, com sua dedicação e amor pelo São João e pela quadrilha junina.

Por fim e mais importante, agradeço imensamente à Nicolle Ellen Martins Simões, minha amiga e parceira nesse projeto e que desde 2016 tem sido uma das pessoas que mais acreditou em mim. Obrigado por ter continuado insistindo quando eu já não tinha mais força para continuar com a pesquisa. Pelo apoio, dedicação e companheirismo que você sempre teve comigo e com o projeto, o que sempre me fez admirar sua paciência e empatia. Agradeço por ouvir música, assistir filmes e séries e compartilhar seu tempo comigo. Desde o início da graduação, na maioria das vezes a gente esteve junto e eu sou grato por você acreditar nas minhas ideias e também deixar que eu faça parte das suas. Obrigado pelos puxões de orelha quando fui teimoso e pela paciência, muitas vezes, quando eu não soube ceder. Te admiro demais e tenho honra de terminar esse projeto contigo. Desde seu primeiro texto que li, até seus filmes e esse documentário agora, sempre acreditei em quem você é: uma Nic muito inteligente e foda. Antes que termine, obrigado por ter sido tanta coisa para mim durante todos esses anos: melhor amiga, realizadora audiovisual, parceira de TCC, família, dupla de danças e festas, ajudante de mudança, conselheira e ilustradora de tatuagem de caneta. Obrigado por tudo, te amo!

## **AGRADECIMENTOS DE NICOLE**

Sou eternamente grata pela oportunidade de ser aluna do Campus Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, universidade interiorizada, que mudou a minha vida, em todos os sentidos. Ela que é constantemente atacada e sucateada, mas que segue resistindo, com ensino de qualidade e gratuita. Fazer parte do curso de Comunicação Social me proporcionou conhecimento, oportunidades, aprendizados, amizades e afeto de pessoas muito queridas.

À Fabiana Moraes por ter sido a primeira professora a quem eu admirei na universidade, por ser a jornalista mais babadeira de todas, obrigada pelos abraços, pelas indicações de livros, por tornar esse trabalho real e possível. À Iomana Rocha por ser apoio e suporte, a maior diretora de arte que temos. À Amanda Mansur que me fez apaixonar pela ideia de fazer cinema e pernambucano! À Adelina Pontual que em tão pouco tempo, marcou minha trajetória, obrigada por ter dito que escrevo bem. À Rodrigo Barbosa por me fazer usar calculadora em um curso de humanas, obrigada pelos conselhos riquíssimos. À Ricardo Sabóia por ser o professor mais chique que esse curso já teve. À Diego Gouveia por ser um querido em todos os momentos, obrigada. À Juliana Leitão e Daniela Bracchi pelos conhecimentos sobre fotografia, as quais me deram oportunidade de exercer o deslumbre no olhar através das lentes e também, não menos importante, por me tornar mais uma fã da Nan Goldin. Agradeço a todo corpo docente de Comunicação, por ser um time de milhões, que tornou a experiência acadêmica a mais rica possível.

À Sergio Lucas, Gabriella Ambrósio, Stephannie Batista, Rafael Cavalcante, Natália Ribeiro, Luis Enrique Lopes, Thalícia Andressa, Fátima França e a todos os amigos e amigas que viveram a época em que o curso residia no polo, nos longínquos 2016, numa outra década. Aos amigos de outros períodos que conheci por acaso, César Martins, Géssica Amorim, Rose Cavalcanti, Jeferson Macêdo. Aos amigos de outros cursos, Josy Maria, Luan Ferreira, Mateus Indecisões, Vicente Costa, Samuel Caleb, Thiago Estevão, Jota Estelar, Karol Santiago e Pedro Salvino. E a todo mundo que conheci pós-pandemia. À todes que tornaram a minha trajetória na universidade menos difícil de se enfrentar. Pelos momentos nos corredores da faculdade, ou nos rolês da vida. Aos amigos e colegas que não puderam terminar

por motivos diversos, afinal permanecer na universidade não é fácil. Vocês são gigantes e fizeram história no meu coração. Meu mais sincero obrigada a vocês.

Aos queridos que carrego comigo desde a escola, Maria Júlia, Jéssica Carolina e Douglas Simões que vez em quando encontro por aí. Obrigada, gente!

À Arthur Bernard por ser minha web amizade mais longa e que me ouviu reclamar que só desse trabalho.

À Athayse Freitas por ser minha primeira ouvinte. Lido melhor com a ansiedade social, graças a você. Obrigada pela troca.

À Lillian, Layane e Jean, banda Tuyó, por descansarem meus sentimentos através da música.

À Elayne Baeta por me abraçar com suas palavras, me dar conforto, e dizer que não tem problema nenhum em ser de outro mundo.

À Marlene Martins, minha maior admiração, a quem só tenho a agradecer. Por todo o carinho incondicional, por todo o esforço. Espero te arrancar um sorriso com essa conquista, que só alcancei graças a senhora, mainha. À meu irmão Felipe, por ser a pessoa mais amorosa e inteligente que conheço. Ao meu pai, Erivan Simões que nunca deixou de me incentivar, independente do que eu quisesse ser, e que me fez amar Caruaru e o forró dela. À vovó dona Léia que brilha no meu coração para sempre. Amo vocês.

À Cladisson, meu melhor amigo, parceiro e dupla dinâmica, obrigado por fazer isso junto comigo. Obrigada por acreditar em mim. Por ser essencial em tudo. Esse trabalho não teria existido sem você. Espero estar perto pra ver você brilhar, pois você é incrível, eu te enxergo demais. Essa é só a primeira das conquistas que ainda estão por vir, viu? *Oxe, sendo que a gente conseguiu, acredita?* Agora me faltam palavras, mas tu sabe, né? Sou analógica, te mando cartinha. Obrigada por tudo, amo você.

E por último e não menos importante, à Manuely e a Berva por cederem seu tempo, espaço e histórias de vida, vocês tornaram esse trabalho possível, muito obrigada.

“Um sonho antigo acaba de se realizar.”  
— Tuyo, (2022).

## RESUMO

O presente trabalho aborda o processo de pesquisa, pré e pós produção de um curta metragem documentário que busca entender como se dá a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ numa quadrilha junina de Caruaru, interior de Pernambuco. A presença de pessoas *queer* em performance de contexto quadrilheiro são algumas das reinvenções presentes na tradição da cultura popular. Essas mudanças ocorrem tradicionalmente sob demanda de seus agentes. Uma mulher trans e uma drag queen, integrantes da quadrilha Junina Flor do Caruá, suas sociabilidades, complexidades e experiências nos momentos de ensaios e apresentações, são representadas no documentário. A pesquisa usou como metodologia a entrevista em profundidade e semiestruturada com perguntas-chave. Foram analisados, principalmente, conceitos dos autores Menezes (2019), Melo (2018), Noleto (2016), Barroso (2017), Castro (2018), Di Deus (2014), relevantes sobre os estudos do tema. Após a finalização do documentário, concluiu-se que pessoas LGBTQIAPN+ se relacionam e constroem muitas possibilidades de sociabilidade enquanto brincantes populares. As relações nas quadrilhas juninas acabam por serem afetivas e transformadoras. A resistência e permanência de pessoas dissidentes nessas manifestações populares é fruto da luta delas em ocuparem esses espaços.

**Palavras-chave:** Documentário; Quadrilha Junina; LGBTQIAPN+; Sociabilidade.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 –	Manu na Montação	34
Imagem 2 –	Equipe e Manu no Pátio de Eventos Luiz Lua Gonzaga	37
Imagem 3 –	Manu e brincantes da Junina Flor do Caruá no ensaio aberto (Berva de saia rosa)	38
Imagem 4 –	Entrevista com Berva em sua casa	40
Imagem 5 –	Berva e Manu em meio às damas da Junina Flor do Caruá no São João de 2022	43
Imagem 6 –	Escaletas guia para Roteiro de Edição	46
Imagem 7 –	Edição e montagem	47

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>18</b>
2.1	OBJETIVO GERAL.....	18
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>5</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>21</b>
5.1	O Contexto Quadrilheiro.....	21
5.2	A Presença das Bichas.....	22
5.3	Caminhos para o Documentário.....	25
<b>6</b>	<b>É BABADO!.....</b>	<b>29</b>
6.1	Antes do início.....	29
6.2	Pesquisa, tema e escolha das personagens.....	29
6.3	Pandemia e mudanças de planos.....	30
6.4	O primeiro encontro: Casa de Manu.....	32
6.5	Dança no Pátio.....	34
6.6	Ensaio Aberto.....	36
6.7	Casa de Berva e Ensaio de Revelação do Tema Junino.....	38
6.8	Apresentação no São João de 2022.....	40
6.9	Processo de pós-produção do filme (montagem, edição e finalização).....	42

<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>48</b>
	<b>APÊNDICE A - ROTEIRO GUIA DE EDIÇÃO.....</b>	<b>51</b>
	<b>APÊNDICE B - PERGUNTAS-CHAVE.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No ano de 2021, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) reconheceu as matrizes tradicionais do Forró como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Representante de um polo importante na cultura popular regional, Caruaru, cidade do agreste pernambucano, carrega o título nacionalmente reconhecido de “Capital do Forró”. A cidade é referência por realizar uma das maiores manifestações culturais de festejos juninos no país. Durante a época de São João na cidade, ao longo dos 30 dias de junho, acontecem eventos que promovem a cultura popular e local, evidenciando o forró e suas tradições.

Em 2023, mais de 3,6 milhões de pessoas passaram por Caruaru durante as festividades, segundo a prefeitura em coletiva de imprensa. Foram 25 polos espalhados por toda a cidade, zona rural e urbana, onde ocorreram apresentações de diversas expressões culturais. No período em questão, há uma programação e espaço dedicado às quadrilhas juninas. Os grupos fazem suas apresentações no “Polo dos Brincantes”, onde o trabalho, a performance, o brilho, a inclusão e as relações sociais aparecem entrelaçadas para o público.

O evento atrai quadrilhas juninas não somente caruaruenses e localidades vizinhas, mas de todo o Brasil. Longe dos olhos que observam as competições, também há grupos juninos que fazem apresentações fora da programação oficial do São João da cidade, sejam elas pelas proximidades ou fora do estado, podendo estar participando de eventos privados ou não.

Trazida ao Brasil pela Europa, a dança em quadrilha não só recebeu adaptações de acordo com a realidade brasileira e de cada especificidade regional, mas também se dispôs a manter características originais. Segundo Chianca (2007), a quadrilha junina é uma dança de pares provinda de uma contradança com o mesmo nome que foi trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa. Com sua popularização, tornou-se símbolo das festas de São João, justo por ser dançada durante a época. Recebeu adaptações depois que foi adotada pelas classes mais abastadas e afastadas dos centros urbanos e interior das cidades. A dança é apresentada em fileiras onde os brincantes performam os matutos, de forma muito caricata e uma sequência de passos ensaiados, compondo harmonias. A dança faz parte da encenação de um casamento e conta com personagens e símbolos que

lembram esse tipo de celebração, como por exemplo o noivo, a noiva, os pais da noiva e o padre. A dança é então a parte do baile do casamento, onde os noivos e convidados dançam em comemoração ao casamento (CHIANCA, 2007, p. 50).

As quadrilhas juninas, enquanto expressões culturais da população em constante movimento de vida, espaço e tempo, também podem dispor de mudanças em suas tradições. Essa manifestação popular, tão conhecida na tradição junina, traduz atualmente certa inclusão de personagens LGBTQIAPN+<sup>3</sup> em seus pilares. Segundo as matrizes da tradicional quadrilha junina, estes dissidentes<sup>4</sup> não poderiam demonstrar suas identidades respectivas e subjetividades, no entanto, esses corpos têm sido mais presentes performando naturalmente suas identidades de gênero nas apresentações, fugindo do padrão geralmente encontrado entre os brincantes<sup>5</sup>, o cisheteronormativo<sup>6</sup>.

Barroso (2017) em uma de suas pesquisas, aborda o protagonismo de travestis, trans e drag queens nas festas juninas do Ceará. Ela analisa as performances das personagens levantando uma crítica à instabilidade que elas e suas identidades de gênero passam nas apresentações dos concursos, — sempre estão condicionadas ao binarismo da cisgeneridade, quando na verdade deviam subverter essa lógica, pois, segundo ela, a identidade de gênero se vivencia, não se encena.

Há ausências de conhecimento sobre as transformações que a cultura passa, não só no país como principalmente em âmbito local. Existem lacunas que invisibilizam a comunidade LGBTQIAPN+, negando a elas o direito à cultura e à memória.

É de suma importância que a comunicação se aproxime e visibilize os movimentos populares, tratando de suas questões, narrativas e contribuições nas transformações sociais. Queremos desenvolver, justamente, pontos que são

---

<sup>3</sup> Sigla do movimento político social que representam as diversidades: Lésbicas; Gays; Bissexuais; Queer e Questionando; Transgêneros e Travestis; Intersexuais; Assexuais, Agêneros e Aliades; Pansexuais; Não-binários; “+” para incluir as demais identidades sexuais e de gênero.

<sup>4</sup> Que ou o que diverge (de algo); Que ou o que sai de um determinado grupo, por divergir de seus princípios, ideias, doutrinas, métodos, etc. Neste caso, utilizamos referente a conceitos de gênero e sexualidade. Dissidentes do binarismo e padrões cisheteronormativos.

<sup>5</sup> Como são chamadas as pessoas que dançam e fazem a produção das apresentações das quadrilhas juninas e outras expressões populares.

<sup>6</sup> Que corroboram com a cisheteronorma, compete-se em restringir a subjetividade dos corpos, identidades cisgêneras e heterossexuais como instituição total. A partir de conceitos teóricos de gênero e sexualidade, termo que converte heteronormatividade e cisheteronormatividade ou cisheteronormatividade, num conjunto único e delimitado.

importantes na discussão das transformações que muitas manifestações populares vêm passando. Nesse sentido, o objetivo também é aproximar cultura popular e comunicação, fazendo um produto audiovisual que aborda essas questões propostas pelos pesquisadores.

A partir disso, com documentário audiovisual de curta-metragem, abordaremos as questões relacionadas à sociabilidade, vivências e complexidades de pessoas LGBTQIAPN+, enquanto corpos dissidentes atuantes na tradição de quadrilha junina em Caruaru.

Inicialmente, o objetivo da pesquisa era construir conhecimentos e narrativas independentes sobre os brincantes LGBTQIAPN+ em contraponto às produzidas pela mídia hegemônica em Caruaru. Porém, até março de 2021, não haviam representações, tampouco visibilidade midiática dessas pessoas, as quais fazem parte da cultura popular local e que também participam das quadrilhas juninas. Em contrapartida, em junho do mesmo ano, foram publicadas algumas matérias, em uma reportagem especial, que deram luz ao tema. Até março de 2023, nenhum outro resultado foi encontrado na busca.

Optamos por produzir um documentário de curta-metragem que contemple a história, vivências e contexto das pessoas protagonistas do filme, principalmente sobre a sociabilidade delas enquanto brincantes juninos e o protagonismo na promoção da transformação social da cultura popular local.

Abordar a temática nas pesquisas acadêmicas e também na mídia é necessário para desconstruir estereótipos, preconceitos e acabar com violências simbólicas produzidas frequentemente pela sociedade contra a comunidade LGBTQIAPN+, principalmente contra pessoas dissidentes do padrão cisheteronormativo social e midiaticamente estabelecido. Nesse sentido, fazer o documentário sobre a sociabilidade dessas pessoas, também é promover a inclusão de suas narrativas e experiências no conhecimento acadêmico e popular, além de produzir referências e garantir o direito à memória.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

- Produzir um curta metragem documentário sobre a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ em uma quadrilha junina de Caruaru.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar pessoas LGBTQIAPN+ inseridas em uma quadrilha junina;
- Registrar a inserção desse público num contexto de uma mudança cultural forte no país em relação aos LGBTQIAPN+;
- Pesquisar e promover conhecimentos acerca da temática;
- Gerar discussões e questionamentos relacionados ao grupo inserido na quadrilha junina;
- Pesquisar e estabelecer contato com brincantes LGBTQIAPN+ para a pesquisa e documentário audiovisual de curta-metragem;
- Escrever roteiro controle com questões-chave;
- Desenvolver todas as etapas e processos de produção do documentário, desde as entrevistas até a finalização do filme.

### 3 JUSTIFICATIVA

Percebendo adaptações das manifestações culturais nas quadrilhas juninas na cidade de Caruaru, que passou a incluir pessoas LGBTQIAPN+ nas apresentações, se faz necessário entender como acontecem esses processos de sociabilidade. Caruaru é referência quando se pensa em festejos juninos, por ser considerada “A Capital do Forró” e por organizar importante festa de São João.

Em 2019, realizamos um curta documentário, em conjunto com Wesleyanne Ramos, o qual foi produto final para uma disciplina de Estéticas da Periferia, ministrada pela professora Fabiana Moraes. Até março de 2021, momento em que essa pesquisa teve início, buscas foram realizadas em portais científicos, sites e imprensa<sup>7</sup>, porém não houveram resultados para trabalhos, artigos, filmes, documentários ou matérias veiculadas na mídia, que abordassem o tema e a vivência de pessoas LGBTQIAPN+ nas quadrilhas juninas da cidade. Em junho de 2021, uma série de reportagens<sup>8</sup>, de mesmo tema em questão, foi produzida e publicada pelo Observatório da Vida Agreste (OVA) em parceria com a Marco Zero Conteúdo. Um dos realizadores desta pesquisa fazia parte do OVA e contribuiu para a promoção do tema na mídia. Até março de 2023, não existiam mais resultados<sup>9</sup> aos quais esta pesquisa busca.

Existem trabalhos e pesquisadores que abordam o tema, porém em outras regiões brasileiras como Ceará, Pará, Tocantins e Acre. Há também uma dissertação de mestrado intitulada “‘Na Minha Quadrilha Tem Gente que Brilha’: corporalidades dissidentes e Direitos Humanos nas Quadrilhas Juninas do Recife/PE”, que é o trabalho que mais se aproxima do nosso campo de pesquisa, a cidade de Caruaru. Em busca de documentários ou registros audiovisuais que abordassem a temática, o grupo específico e a região, percebemos que não existem. É necessário produzir não apenas pesquisa, mas também imagens documentais sobre as relações que essas pessoas constroem e a inclusão delas na cultura popular.

Os grupos se preparam o ano todo para as apresentações no mês junino e podem ou não estarem presentes na programação oficial do São João de Caruaru, tendo um espaço fixo na programação para as apresentações.

---

<sup>7</sup> Pesquisa realizada no dia 15 de mar. de 2021.

<sup>8</sup> Pesquisa realizada no dia 29 de jun. de 2021.

<sup>9</sup> Pesquisa realizada no dia 7 de mar. de 2023.

Fazer um documentário audiovisual sobre o tema é necessário pela falta de material de pesquisa, de memória da performance e da sociabilidade LGBTQIAPN+ nas quadrilhas juninas em Caruaru. É importante pesquisar essa manifestação cultural para entendê-la e promover conhecimento acerca da temática. Gerar discussões e questionamentos relacionados ao grupo inserido nas quadrilhas. Pesquisar esse tema é importante para os orientandos, por estarem presentes no contexto local e por fazerem parte da comunidade. Queremos entender como se relacionam e mostrar, por meio de um curta-metragem documental, a sociabilidade das pessoas que a compõem.

#### **4 METODOLOGIA**

Para a realização do documentário, é preciso, antes de tudo, uma pesquisa ampla sobre todos os estudos já publicados acerca do tema. Há pesquisadores e pesquisadoras empenhadas em produzir material e discussão sobre o que será abordado. Menezes (2019), Melo (2018), Noletto (2016), Barroso (2017), Castro (2018), Di Deus (2014) entre outros e outras. Estes são de grande relevância para o debate em relação às pessoas que estão no contexto de quadrilha junina e que não desempenham seus papéis de gênero, ao mesmo passo que se debruçam a buscar e entender suas vivências e subjetividades.

Quando falamos em sociabilidade, buscamos entender as vivências e relações sociais dessas pessoas dentro das quadrilhas juninas. A inclusão desses grupos nessa manifestação considerada tradicional e suas performances de gênero, enxergadas muitas vezes como dissidentes, ou seja, fogem do padrão socialmente normalizado, o heteronormativo.

A partir do conhecimento a respeito desse contexto em outras regiões do Brasil, nos voltamos para a cidade de Caruaru. Quem serão nossos entrevistados e entrevistadas? A começar, serão pessoas de uma quadrilha junina originária da cidade: Flor do Caruá. Sendo até duas ou três personagens pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+. Dessa maneira, será possível seguir os próximos passos para a feitura das entrevistas. Para garantir que haja validade e confiabilidade em nossa pesquisa, como diz Duarte (2005), é necessário a formulação do procedimento metodológico.

A metodologia usada para desenvolver este documentário é a de entrevista individual em profundidade, por dar possibilidade de maior liberdade de compreensão das vivências e sociabilidades das pessoas entrevistadas. De acordo com Duarte, esse método “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes [...]” (2005. p. 62). Escolhemos esse método porque nos proporciona uma maior qualidade em detalhes de ideias e pensamentos das personagens que farão parte do documentário. Queremos ouvir, conversar e proporcionar um diálogo, para entender parte da história de cada participante, desde que considerados os objetivos da pesquisa em questão. Tendo em vista que nosso objetivo é entender a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+, a entrevista em profundidade é “útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido” (DUARTE, 2005. p. 64).

Mais especificamente, a entrevista semi-aberta será usada para coleta de dados, no caso, os depoimentos dos quadrilheiros. Teremos um roteiro de pontos que são essenciais para entendermos questões relacionadas ao tema de nossa pesquisa, mas também pretendemos estabelecer um diálogo para que o entrevistado, ou entrevistada, acrescente e nos conte outras faces da realidade que buscamos entender com nossa pesquisa.

A partir da coleta feita, iremos analisar e construir as imagens das pessoas entrevistadas, finalizando em um documentário sobre a sociabilidade delas no contexto da proposta da pesquisa. Na entrevista semi-estruturada, trabalhamos com questões base e hipóteses a serem observadas que tenham relação com os interesses do que pesquisamos e que “em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida em que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS apud DUARTE, 2005. p. 64).

## **5 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **5.1 O Contexto Quadrilheiro**

Antes mesmo de partirmos para a discussão sobre sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ na quadrilhas juninas, é necessário entendermos o que são essas

expressões e quais características fazem delas um ambiente onde acontecem essas relações.

Chianca (2007) afirma que a quadrilha junina sendo uma dança que teve sua origem importada pela corte imperial portuguesa se popularizou pelo Brasil na época das festas juninas. Além do mais, recebeu adaptações pelas classes sociais mais baixas e conseqüentemente, mais afastadas dos grandes centros urbanos. Uma dança que foi pensada e organizada em pares heterogêneos de homens e mulheres, na qual encena-se um grande casamento matuto, com seus símbolos, personagens e tradições. (CHIANCA, 2007, p. 50).

Em Caruaru, as quadrilhas juninas mais encontradas e vistas são as conhecidas como estilizadas. Elas trazem diferenças que adaptam símbolos e algumas características das quadrilhas juninas tradicionais. Chianca (2007) classifica as tradicionais como as que trazem apresentações da dança matuta e com roupas mais simples e semelhantes às usadas por pessoas sertanejas e das áreas rurais de antigamente. Já as quadrilhas juninas estilizadas, segundo ele, são as que se apresentam com roupas mais coloridas, de novos tecidos, cheias de lantejoulas e paetês e com uso de maquiagens pelos brincantes. Vale destacar também, assim como lembra Chianca (2007), que as estilizadas se tornaram muito populares graças aos concursos culturais promovidos por entidades ligadas às prefeituras (CHIANCA, 2007, p. 52). As quadrilhas juninas em Caruaru seguem essas características, fazem apresentações durante os festejos juninos e em concursos promovidos durante as festas de São João. Também se apresentam em outros tipos de eventos, públicos e privados, que fogem da programação oficial do São João da cidade. As roupas e maquiagens sempre são variadas e as equipes sempre se apresentam trazendo temas e coreografias com conceitos diversos.

É justamente por essas adaptações encontradas nas quadrilhas juninas estilizadas que a inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ é evidenciada. A diversidade de gêneros e a dissidência acaba sendo destacada pela performance dentro das quadrilhas. Trataremos mais sobre isso nos tópicos seguintes.

## 5.2 A Presença das Bichas

O conceito de Eric Hobsbawm acerca de tradição afirma que ela “não surge com a origem do mundo, mas é fruto de um processo ativo de invenção, que cria e/ou reelabora práticas ‘normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas’”. Ou seja, segundo Hobsbawm, é possível pensar que a tradição enquanto conjunto de práticas culturais estabelecidas, também se adapta às condições sócio-político-culturais de uma sociedade. Sendo assim também, um processo de reinvenção. (HOBSBAWM, 2018. p.8 apud DE CASTRO, 2020. p.10)

A quadrilha junina, enquanto uma expressão cultural tradicional de algumas cidades, principalmente no nordeste brasileiro, tem refletido mudanças em sua estrutura. Embora a presença de pessoas dissidentes seja uma realidade nas tradições da cultura periférica, a aparição de pessoas LGBTQIAPN+ nas performances ao vivo chama atenção, devido a quebra desse histórico tradicional na dança junina, que trazia personagens de papéis de gênero pré-estabelecidos. A presença desses sujeitos dissidentes nesses espaços, moldados pela tradicionalidade e que ainda representam uma evidência cisheteronormativa, atuam em detrimento do desenvolvimento natural de suas vivências artísticas e/ou profissionais, mas acabam ocasionando fortuitamente um tensionamento na norma vigente.

Barroso (2017) observa a presença e as relações de pessoas LGBTQIAPN+ em quadrilhas juninas do Ceará e afirma que não somente nas apresentações essas pessoas estão presentes, mas estão cada vez mais na produção e coordenação desses eventos juninos, desde o trabalho manual e estético até as atividades artísticas.

A autora também afirma que essa existência não tem conseguido romper completamente com modelos tradicionais consolidados nas quadrilhas juninas, mas esses processos práticos de inclusão provocam alterações de sentidos na tradição. “O ingresso de novos agentes traz consigo novas práticas e representações, que podem afetar o habitus no campo, quer seja reproduzindo-o, quer seja adequando-se a ele, quer reequilibrando-o.” (BARROSO, 2019, p. 94).

O pesquisador Eduardo Di Deus (2014) afirma que as quadrilhas são geralmente encontradas e constituídas nas periferias das cidades e também, são importantes movimentos culturais onde é possível perceber a sociabilidade compartilhada entre pessoas, inclusive as LGBTQIAPN+. Para ele, as quadrilhas

surgem como grupos que “[...]configuram ambientes de sociabilidade que incluem pessoas discriminadas na sociedade mais ampla por suas experiências de gênero” (DI DEUS, 2014, p. 83). Tendo isso em questão, podemos pensar também a quadrilha junina como importante espaço de inclusão social para pessoas dissidentes. Em sua pesquisa, Di Deus (2014) aponta a grande presença de pessoas que se identificam e são identificadas como *gays* na composição das quadrilhas. Diz que esse termo, usado pelos grupos pesquisados por ele em Rio Branco, no estado do Acre, representava a diversidade relacionada às expressões de gênero fora das quadrilhas, sejam as homoafetivas, bissexuais ou transgêneros.

É de grande importância promover e elucidar o debate acerca da performatividade de gênero dos brincantes dissidentes, pois é aquecido pelos autores e autoras que se debruçam sobre o tema que aqui pesquisamos. Judith Butler (2019), autora referência nos estudos *queer* e de gênero, entende que este último é tido como uma performance de signos socialmente construídos, não algo pelo qual os indivíduos se apropriam, mas uma forma de poder instituída acerca do sujeito, produzindo uma prática de noção de binaridade de gênero como algo natural.

Noletto (2017) em sua pesquisa intitulada “Casamento em performance, parentesco em questão: gênero e sexualidade no São João de Belém, Pará”, analisa a ruptura da binaridade presente nas quadrilhas, que apresentam padrões estéticos e sociais com a encenação de um casamento cisheterossexual. Com a participação de homossexuais, transgêneros e travestis nas quadrilhas juninas de Belém do Pará, a divisão coreográfica focada no binarismo entre damas e cavalheiros se desestabiliza e foge também do plano simbólico das concepções tradicionais de conjugalidade heterossexual, segundo o autor. No entanto, muitas expressões culturais ainda agem dentro das normas sociais da cisheteronormatividade, ou seja, as performances nas quadrilhas seguem um padrão de referência de pessoas cisgêneras e heterossexuais na composição dos pares de brincantes. Mesmo com a presença de pessoas LGBTQIAPN+, elas ainda continuam performando um padrão cisheteronormativo.

Ainda sobre esse tópico, Noletto (2017) analisa os regulamentos de concursos de quadrilhas juninas em Belém do Pará, que passaram a adotar a nomenclatura “pares” em vez de “casal”, justamente pelo fato que muitos brincantes LGBTQIAPN+

participam dos concursos. Porém, mesmo que adotem a nova nomenclatura, ainda julgam as apresentações, performances e brincantes numa referência cisheteronormativa. O pesquisador enfatiza, ainda, que as pessoas e os pares estão condicionados, segundo os regulamentos dos concursos, a performarem um padrão social baseado na binaridade e cisheteronormatividade.

Em reportagem especial, a jornalista Fabiana Moraes traz esse mesmo tema para o foco da discussão. A presença de travestis e homens gays que se vestem de dama no maracatu rural faz parte da expressão cultural há muito tempo. Embora existam essas figuras, algumas sofreram repressão quando demonstraram feminilidade, quando se distanciaram da imagem cisheteronormativa. Por outro lado, homens héteros, considerados “cabra-macho”, não foram impedidos ou constrangidos por performarem papéis femininos nos grupos de maracatu.

### 5.3 Caminhos para o Documentário

Em 2019, realizamos o “Bichas Aliadas”, em conjunto com Wesleyanne Ramos, documentário que foi produto final da disciplina de Estéticas da Periferia, ministrada pela professora Fabiana Moraes, e pertencente ao curso de comunicação social no campus agreste da UFPE. Nele abordamos a presença de pessoas LGBTQIAPN+ em quadrilhas juninas que se apresentaram no Festival de Quadrilhas Juninas Estilizadas de Caruaru daquele ano.

Tivemos oportunidade de realizar o documentário dentro da temática desta pesquisa, porém em outra perspectiva. Entrevistamos brincantes de outros estados que participaram do concurso de quadrilhas juninas estilizadas durante a programação do São João em Caruaru em 2019. O Bichas Aliadas seguiu por uma abordagem que levantava questões sobre a marginalização de pessoas LGBTQIAPN+, seja na sociedade como um todo ou nos grupos e comunidades em que as pessoas entrevistadas faziam parte.

Foram ouvidos depoimentos sobre o contexto em que viviam, sobre suas relações familiares, como se dava a realidade periférica onde moravam, suas lutas por espaço enquanto brincantes e parte de seus históricos socioeconômicos. A ideia consistia em ouvir o que aquelas pessoas enfrentavam, enquanto parte de uma

comunidade marginalizada e como a cultura popular, tendo as quadrilhas juninas como ênfase, eram responsáveis por uma possível transformação em suas vidas.

A partir da realização do Bichas Aliadas, surgiu a necessidade de entender mais sobre como essas pessoas se relacionam enquanto participantes desta manifestação cultural. Logo, esta pesquisa se propõe a entender como se dão as sociabilidades dessas pessoas, buscando compreender, com mais proximidade a realidade em Caruaru. Devendo ser considerado questionamentos objetivos e subjetivos para a compreensão desses perfis.

Considerando que o projeto seja um documentário, alguns teóricos do cinema elucidam conceitos importantes para guiar este trabalho. Bill Nichols (2001) afirma que todo filme é um documentário e que há dois tipos de filme, um de ficção (aquele cujo satisfaz sonhos, desejos, etc) e o de não-ficção (que busca a representação social), e assim, tais filmes, em ambas situações, podem transmitir verdade, se assim for o objetivo. (NICHOLS, 2001. p. 25)

No caso em questão, o filme "É Babado!" (2023), se encaixa no conceito de Nichols (2001) como um filme documentário de não-ficção que se propõe a ser um registro de uma realidade social:

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões filmadas do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2001. p. 27)

Em seu livro, *Introdução ao Documentário*, o autor identifica modos de representação que se organizam como subgêneros do documentário. Observando suas definições, entendemos que o nosso projeto se aproxima do que ele classifica como documentário participativo, no qual os cineastas entrevistam os participantes ou interagem com eles. Também podendo usar imagens de arquivo para recuperar a história (p. 177). “A presença do cineasta assume importância acentuada, desde o ato físico de ‘captar a imagem’,[...] até o ato político de unir forças com aqueles que representam seus temas [...] (p.154) (NICHOLS, 2001. grifo nosso).

Ken Dancyger afirma que a produção de um filme documental é menos controlada do que a de um filme dramático, segundo ele “não há atores, apenas temas que os realizadores perseguem. O posicionamento da câmera tende a ser um caso de conveniência mais do que de intenção, e a iluminação é definida para ser a menos intrusa possível” (DANCYGER, 2007, p. 337). Seguindo a lógica de sua

afirmativa, o filme documental é produto de seu momento, levando em consideração as conjunturas do ambiente em que é gravado. No entanto, atualmente podemos observar documentários que se unem a algumas características ditas como de filmes de ficção. Nestes casos, realizadores usam aspectos da ficção para fazerem filmes documentais. Percebemos que mesmo que exista intervenções visando uma finalidade documental, o filme não perde sua credibilidade com a verdade, apenas usa artifícios para que a narrativa seja contada.

A partir desses conceitos é possível construir uma base do que um documentário possa vir a ser. No processo de pesquisa, buscamos referências estéticas e formais de filmes que também exploram esse tema. “São João Também é Trans” (2018), curta-metragem que aborda a inserção de mulheres trans nas quadrilhas juninas do interior cearense, havia sido o único produto audiovisual encontrado em nossas pesquisas, que se aproximava ao nosso tema em questão. Outro é o “Anarriê”, curta-metragem de mesma temática, realizado no interior sergipano, que teve sua estreia no ano de 2023 e participou de festivais nacionais e internacionais. Logo, é perceptível um crescente interesse acerca do tema da nossa pesquisa.

Dirigido, produzido e roteirizado por Thiago de Castro, em 2018, no documentário “São João Também é Trans” é possível perceber que há uma preocupação do diretor em entender os processos pelos quais pessoas trans vivenciam ao pertencerem a esses tipos de expressões culturais tradicionais em Sobral, no interior do estado do Ceará. Hugo Menezes (2019) promove uma discussão acerca das questões abordadas durante a narrativa do documentário e afirma em sua análise crítica que o filme não se propõe a desenvolver críticas profundas à participação de pessoas trans nas quadrilhas juninas de Sobral, mas, segundo ele:

concentra-se nas histórias de vida de suas personagens e na superação dessas quadrilheiras contra o preconceito, a exclusão, o estereótipo e a violência. Como efeito, concentra-se ainda em sinalizar o processo contínuo, lento e complexo de desconstrução da estrutura sexista e binária das quadrilhas juninas que ao incorporar as discussões vigentes sobre diversidade e aceitação já não obriga essas mulheres a dançar de cavalheiros. O filme alcança seus objetivos e reafirma a cultura popular como abrigo da discussão sobre corpos dissidentes e subversivos. (MENEZES, 2019. p. 213).

No entanto, Menezes também discute e percebe lacunas não preenchidas dentro da narrativa do documentário, afinal:

O filme, porém, não apresenta um perfil socioeconômico mais completo das entrevistadas, nem contextualiza o tema da transgeneralidade [sic] na cidade de Sobral, seriam elementos interessantes para fortalecer o argumento central que gira em torno de uma experiência quadrilheira especial vivenciada por elas. A falta dessas duas dimensões faz a audiência não compreender plenamente as peculiaridades da vida de uma mulher trans e artista popular no sertão nordestino. (MENEZES, 2019. p. 212).

A partir desses apontamentos a respeito do filme “São João Também é Trans” (2018), percebe-se a importância da inclusão de elementos gerais e específicos na construção do argumento de um filme. Assim como também se faz necessário um olhar mais atento às questões levantadas nas próprias entrevistas, para que haja compreensão e uma análise cuidadosa dos relatos obtidos.

## **6 É BABADO!**

### **6.1 Antes do início**

É muito importante falar sobre a trajetória deste trabalho desde a escolha do nosso tema, das orientações e também o que fizemos até que ele saísse do papel. Inicialmente, quando propomos o tema, convidamos a professora Fabiana Moraes para ser nossa orientadora. Ela nos acompanhou durante o processo de pesquisa e escrita deste trabalho e também no início das orientações do documentário. Logo depois, sentimos a necessidade de orientações específicas e técnicas sobre audiovisual e cinema. Então convidamos a professora Iomana Rocha, que se juntou a Fabiana e passou a nos orientar também. Tínhamos essa equipe de orientações durante todo nosso processo, tanto na parte textual quanto na parte audiovisual. Fabiana nos acompanhava e nos direcionava acerca do texto e contribuições sobre sociabilidade, enquanto Iomana também nos orientava sobre como poderíamos transformar nossas ideias e pesquisa para a tela.

Seguimos com a orientação de ambas nos auxiliando para entendermos quais as melhores formas de tratar sobre nosso tema e quais possibilidades o filme nos daria. Fabiana já pesquisava sobre nosso tema e Iomana também é uma grande referência para fazer cinema independente. A união dessas forças nos trouxe um resultado melhor tanto para pesquisa quanto para o próprio filme.

Quando partimos para os processos de finalização do documentário, entre a decupagem e a edição do material, permanecemos apenas com a orientação de Iomana, tendo em vista que a parte escrita, orientada por Fabiana, estava avançada. Ainda precisávamos finalizar o documentário para acrescentar o texto neste relatório, então Iomana nos acompanhou nessa parte final.

### **6.2 Pesquisa, tema e escolha das personagens**

Baseado em nossa pesquisa anterior sobre o tema aqui presente e tendo o documentário “Bichas Aliadas” como norteador para que pudessemos aprofundá-la, decidimos analisar quais perfis eram mais frequentes nos estudos dos autores que usamos como referência. É evidente que as pessoas LGBTQIAPN+ são as mais mencionadas nas pesquisas do nosso referencial, em particular pessoas trans,

travestis e drag queens. A partir disso, voltamos para a pesquisa local e fizemos o levantamento dos perfis no instagram das quadrilhas juninas estilizadas em Caruaru. Dentre elas, algumas se destacaram por trazerem em seu grupo de brincantes, mulheres trans e drag queens. Uma delas era a Junina Flor do Caruá.

Em junho de 2021, Manu e Berva foram personagens na reportagem especial “Bandeirinha, fogueira e babado” do Observatório da Vida Agreste (OVA), que surgiu a partir da nossa pesquisa sobre o tema. Depois de publicada a reportagem, decidimos utilizá-la para direcionar nossa escolha em retratar a sociabilidade de brincantes LGBTQIAPN+. Como Manu e Berva eram integrantes da quadrilha junina Flor do Caruá, isso facilitou e direcionou para que fossem nossas escolhas para o documentário.

Inicialmente entramos em contato com Manuely pelo WhatsApp, explicando nossa proposta com a pesquisa e a produção do documentário. Pontuamos que devido a reportagem do OVA, sabíamos um pouco de sua trajetória como brincante popular de quadrilha junina. Logo após, fizemos o convite e ela, entusiasmada, prontamente aceitou. Em seguida perguntamos como ela poderia nos receber para as gravações, pensando também na possibilidade de fazer uma gravação externa onde ela dançaria. Sabendo das possibilidades, as filmagens ficaram marcadas para o fim de outubro de 2021 na casa dela, num fim de semana, para não atrapalhar seu cotidiano e trabalho.

O convite feito a Berva só aconteceu um tempo depois, quando percebemos que o depoimento de Manu não seria suficiente para retratar o que estávamos buscando entender com o projeto. Precisávamos de outra pessoa para melhor compreensão de como as relações de sociabilidade se davam nas quadrilhas juninas aqui em Caruaru, em específico a qual faziam parte.

### **6.3 Pandemia e mudanças de planos**

Quando propusemos a pesquisa no projeto, tínhamos apenas uma personagem, para a construção do documentário, neste caso Manu. Nossa ideia era construir um perfil depois de realizar uma entrevista previamente roteirizada, sobre a relação dela com as pessoas e o contexto em que vivenciava na quadrilha junina. Acerca de sua sociabilidade em si, entrelaçado com sua vida e relações sociais.

Após fazermos os primeiros contatos e confirmarmos a participação dela na pesquisa e no filme, passamos a ajustar toda a produção para realizar o documentário. Construímos um roteiro de perguntas que nos guiasse para um melhor entendimento da perspectiva de Manu sobre sua sociabilidade, nosso tema e campo de pesquisa; pensamos qual seria a melhor forma de conseguir estabelecer a relação entre a entrevistada e nós, entrevistadores, tendo em vista a pandemia, o isolamento social e todos os protocolos de segurança que deveríamos seguir para garantir a proteção de todos.

Dentro de todo o caos, medo, sofrimento e ansiedade que estávamos enfrentando no Brasil, num contexto dos altos números de casos diários de infecção e morte, era difícil pensar na possibilidade de gravar um documentário. Então, submetemos ao colegiado um pedido de mudança para outra modalidade de TCC.

A segunda ideia era construir um projeto cultural do documentário para execução pós-pandemia, quando estivéssemos seguros para sair nas ruas, ter contato com outras pessoas e produzir o documentário com qualidade. Porém, seguimos as orientações do colegiado de nosso curso: gravar seria a melhor decisão naquele momento, devido ao tempo dedicado na pesquisa e ao grau de aprofundamento que estávamos buscando.

Com isso, voltamos à ideia inicial e tudo precisou ser adaptado para a realidade pandêmica. Não foi fácil lidar com uma produção tão séria, tão importante para nós e ainda assim se ater aos protocolos de segurança, zelando pela saúde de todo mundo. O medo e o pânico causados pelo contexto eram muito presentes e também motivos os quais dificultavam as filmagens. Passar dois anos em isolamento social e ter que gravar externa foi motivo de muita ansiedade, medo e culpa. Tudo exigia planejamento e cuidados, pois se tratava de um contexto onde todos os dias os números de infectados e vítimas aumentavam. A universidade estava em alerta e exigia que as normas de segurança para atividades fossem seguidas, as quais respeitamos para garantir a segurança de todos e todas durante a realização do documentário.

Naquele momento, já havíamos tomado duas doses da vacina e o governo já dava início a flexibilização dos protocolos. No entanto, continuamos a garantir os protocolos de segurança, tanto os exigidos pelas autoridades sanitárias quanto os requeridos pela UFPE para atividades externas.

#### 6.4 O primeiro encontro: Casa de Manu

Depois de firmada a data para a gravação, partimos para a parte de produção do documentário. Combinamos com Manuely que iríamos até sua casa para fazer as imagens da entrevista, montagem<sup>10</sup> da dama e, após, sairíamos para fazer uma externa com ela dançando no Pátio de Eventos Luiz Lua Gonzaga. Foi o nosso primeiro contato presencial com Manuely, então chegamos cedo para termos tempo o suficiente de preparação dos equipamentos, controle de imprevistos, aproximação com a brincante, entrevista e filmagens em sua casa. Ela nos recebeu em seu apartamento alugado num prédio localizado no Salgado, um dos maiores bairros da cidade.

Na sala, ansiosos e atentos aos protocolos de segurança, estávamos nós, Samara Torres, que nos deu apoio com sua câmera, e Manuely. Enquanto preparávamos os equipamentos — duas câmeras, um tripé e o microfone de lapela — interagimos com Manu para estabelecermos uma aproximação que ajudaria no decorrer da entrevista. Sabemos o quanto nós, que éramos totalmente estranhos, e uma câmera gravando, poderiam deixá-la retraída. Mas ela parecia estar à vontade. Então, iniciamos as gravações da primeira parte da entrevista ali mesmo, na sala, ela sentada em uma dessas cadeiras de plástico branca para eventos e nós em pé, por trás das câmeras seguindo o roteiro de perguntas-chaves e intercalando com mais perguntas que surgiam durante o depoimento dela. A artista contava sobre sua vida pessoal, sobre sua relação com dança e quadrilhas juninas e sua sociabilidade sendo uma brincante. Enquanto isso, Samara fazia algumas imagens de apoio com a segunda câmera para serem utilizadas na montagem.

Em um segundo momento, terminadas as perguntas mais relacionadas a vida pessoal de Manu, seguimos para um dos quartos, onde ela decidiu que seria o ideal para se maquiar. Ali pudemos perceber uma incidência de luz natural melhor que na sala e, em frente ao espelho, em cima de uma cômoda, Manu fez seu camarim. Distribui todos os itens que poderia utilizar para a maquiagem. Enquanto fazia sua maquiagem artística, ela nos contou sobre sua ansiedade em participar do circuito

---

<sup>10</sup> Usamos aqui o termo dito por ela que refere-se a gíria para o ato de se maquiar, vestir as roupas de dama e colocar os acessórios. Também conhecido e utilizado no processo de transformação de *drag queens*.

junino em Caruaru e se apresentar com a Junina Flor do Caruá durante o São João. Ela ainda não havia se apresentado em quadra, apenas em lives organizadas pela equipe, devido ao isolamento social. Para ela, o momento de entrar em quadra, sentir a vibração do público e a adrenalina da dança ainda não tinha sido possível.

Imagem 1 - Manu na Montação



Fonte: Acervo dos Autores (2021)

Após fazer a maquiagem, voltamos para a sala novamente. Manu nos ofereceu a pizza que havia comprado na noite anterior e decidimos que era o momento para fazer uma pausa. Havíamos levado comida, então, garantindo os protocolos e uso de álcool em gel, resolvemos comer. Sem câmeras gravando e sem perguntas, ela conversava conosco sobre sua vida, seu trabalho e a esperança de voltar aos ensaios e, um dia, finalmente viver o São João com a Junina Flor do Caruá em Caruaru e outras cidades da região que fazem concursos.

Depois, enquanto assistia uma live de concurso de bandas e fanfarras, começou a separar o figurino e a coroa que usaria para dançar no Pátio de Eventos. Estava feliz e disse ter ensaiado um solo da dança especialmente para gravarmos.

Após, voltamos a gravar na sala com Manu terminando os detalhes da maquiagem e arrumando o cabelo. Ela de frente para o espelho nos conta mais sobre sua história como quadrilheira e a relação que construiu com alguns amigos que também decidiram fazer parte da manifestação cultural. Ao lado do seu figurino, sentada na mesma cadeira branca de antes, Manu então termina todo o processo

que vem antes de vestir a roupa de dama, momento tão esperado por nós depois de acompanhar cada parte de sua composição artística.

Por fim, após terminar a maquiagem e o cabelo, observamos Manu entrar no quarto para vestir a peça mais importante da sua montagem: o vestido do figurino. Esperamos e logo ela sai do quarto com um vestido de diferentes tons de verde, mangas bufantes e pedrarias distribuídas por ele todo. Tinha nos contado antes que foi feito por ela mesma, e pago com o dinheiro do seu trabalho, numa daquelas máquinas de costura de mesa que faz “tec, tec, tec!”. Manuely, que trabalha numa dessas pequenas fábricas de roupas, tão comuns no agreste e principalmente no bairro do Salgado em Caruaru, olha para sua criação sorrindo e tocando nas pedrinhas brilhantes coladas uma por uma por ela mesma. Estava pronta para dançar.

## **6.5 Dança no Pátio**

Preparados, resolvemos pedir um Uber para levar todo mundo para o Pátio de Eventos Luiz Gonzaga. Com todo equipamento guardado, seguimos em quatro pessoas para um dos principais lugares do São João de Caruaru. Manuely pede para um dos integrantes da equipe carregar sua saia no banco da frente. A saia verde e cheia de babados é grande e volumosa e ocupa boa parte da visão de quem senta no banco da frente do carro. Assim que saímos, o motorista nos perguntou para que era aquilo tudo. Eram três pessoas com equipamentos de filmagens e uma dama de quadrilha junina toda montada, maquiagem e cabelo feitos, um vestido brilhante e uma saia cheia de babados armada no branco da frente do carro. Alguém responde que é para um trabalho da universidade sobre São João. “Mas São João não é em junho?”, pergunta o moço. E logo Manu responde: “eles estão gravando um documentário”.

O carro para no destino, descemos e logo nos direcionamos para frente da grande estátua de Luiz Gonzaga que fica na entrada do pátio. Nosso plano era registrar Manu em frente a estátua, dançando a coreografia que preparou, então preparamos os equipamentos enquanto ela liga sua caixinha de som para conectar ao celular e tocar a música ensaiada. Tendo o fim de tarde ajudando com a luz, fazemos takes dela chegando ao pátio e outros com ela dançando a coreografia preparada para a música “Solo da Rainha G”, que toca várias vezes na caixinha de

som. Em seguida, pedimos para ela dançar novamente, mas dessa vez tendo o Museu do Forró Luiz Gonzaga ao fundo. Ela refaz os passos rápido, antes de dar play na música, e depois começa a dançar enquanto fazemos mais gravações.

Depois de ter dançado algumas vezes, Manu cansou e paramos para ela descansar e beber água. Enquanto isso, tentamos descontrair e conversar com ela sobre outras coisas da vida, sem gravações. Mesmo sendo uma pesquisa, tratava-se de uma pessoa, com suas vivências e personalidade e ali ela demonstrava felicidade em participar. Acreditamos que o Cinema também é responsável por compartilhar as histórias de tanta gente nas telas e nós não queríamos que o projeto não fizesse sentido para Manu também. Manter uma proximidade sem formalidades fez com que ela se sentisse confortável em nos mostrar parte de sua história e vivências enquanto brincante popular.

Durante todo o tempo que estivemos no pátio de eventos, várias pessoas passaram por nós e observaram as gravações. Umas faziam caminhadas, outras passavam de bicicleta, carros e motos, e até paravam, curiosos, em seus automóveis para observar Manu dançando. Ela, no entanto, não demonstrava vergonha ou timidez por estar exposta na rua. Muito pelo contrário, parecia orgulhosa em demonstrar sua arte e dedicação pela dança e brincadeira popular.

No fim do dia, com o sol já desaparecendo por trás dos prédios do Maurício de Nassau e causando um efeito muito bonito na estátua de Luiz Gonzaga, pedimos para Manu posar para que pudéssemos tirar umas fotos dela para usar no material de divulgação do documentário. Então ela começou a fazer poses e Bianca começou a fotografar ela feliz e deslumbrante. Ao final das gravações e fotografias, Manuely se emocionou. Depois do dia corrido conversando conosco, se montando e dançando no pátio de eventos, parecia feliz em ter um pouco dela sendo registrado. Além do cansaço, existia orgulho em fazer parte de algo e nós estávamos muito felizes em estar presente também.

Imagem 2 - Equipe e Manu no Pátio de Eventos Luiz Lua Gonzaga



Fonte: Samara Torres/Acervo Pessoal (2021)

## 6.6 Ensaio Aberto

Depois que aconteceram as gravações com Manuely, soubemos por meio das redes sociais da Junina Flor do Caruá que haviam começado os ensaios abertos para a volta do São João em 2022. Vimos então a oportunidade de finalmente acompanhar os encontros, a fim de registrar a sociabilidade dela com os demais integrantes da quadrilha. Como havíamos registrado apenas as entrevistas e a performance dela no pátio de eventos, acompanhá-la seria uma grande oportunidade para aprofundar mais ainda nossa pesquisa e documentário. Entramos em contato com Manu, para entender como funcionavam os ensaios e perguntamos se era possível que nós a acompanhássemos durante esses momentos. Ela nos informou que conversaria com o presidente da junina para saber se poderíamos registrá-la e obtivemos uma resposta positiva. Então decidimos ir.

Ao chegarmos no local, fomos conversar com Manu para saber como seria a dinâmica do dia. Segundo ela, eles haviam começado a aprender as coreografias para as apresentações durante o São João. Um coreógrafo ficou em frente a todos ensinando os passos, enquanto os demais integrantes repetiam.

Com isso, tivemos a oportunidade de entender um pouco de como funcionam esses espaços de sociabilidade e como as pessoas LGBTQIAPN+ se relacionam nesse contexto. Registramos elas dançando, as interações entre si durante os intervalos e muito da dinâmica de relações que constroem em conjunto. Manu tinha muita interação com seu par de dança, principalmente, mas em outros momentos ela também circulava pelos outros grupos, dançando com eles ou conversando. Gravamos ela nesses momentos, tentando registrar um pouco da sua dedicação e as relações as quais havia nos contado quando fomos entrevistá-la em sua casa.

Imagem 3 - Manu e brincantes da Junina Flor do Caruá no ensaio aberto (Berva de saia rosa)



Fonte: Acervo dos Autores (2022)

Além disso, foi nesse dia que vimos Berva pela primeira vez. Apesar de já conhecermos ele pelas redes sociais e devido a reportagem especial do Observatório da Vida Agreste, nunca havíamos tido a oportunidade de vê-lo dançando. Ele dança de dama na quadrilha enquanto performa sua drag queen chamada Beatriz. No entanto, não estava montado, mas vestia uma saia cheia de babados utilizada pelas damas de quadrilha junina. Não só ele, mas também outros homens cisgêneros que são LGBTQIAPN+ eram parte do grupo das damas, com saias de babados. Observamos ele e um pouco de sua relação com outros brincantes na quadrilha. Berva constantemente dançava com outras pessoas da equipe e, nos intervalos fazia como Manu, conversava em grupos. Ele ainda não havia sido convidado por nós para fazer parte do documentário, mas naquele momento surgiu essa ideia. Como estávamos pensando em convidar mais alguém

para o filme, observado sua relação na quadrilha, pensamos que ele seria uma boa escolha.

### **6.7 Casa de Berva e Ensaio de Revelação do Tema Junino**

Depois que fomos acompanhar Manuely no primeiro ensaio aberto para o São João de 2022 da quadrilha junina Flor do Caruá e vimos Berva na quadra, entramos em contato com ele para convidá-lo para o projeto e ele aceitou.

Combinamos então um dia para gravarmos com ele em sua casa e fomos informado que haveria uma oportunidade no dia de um ensaio aberto para a revelação do tema do ano para todos os integrantes da quadrilha junina. Uma particularidade interessante é que eles fizeram esse encontro de revelação como uma festa, com comidas e bebidas para comemorar a ocasião. No ensaio em questão, os e as brincantes juninas iriam caracterizados com os figurinos típicos que usam durante as apresentações, logo, Berva estaria montado como Beatriz.

Aproveitamos a oportunidade do evento para gravarmos com ele a preparação até o ensaio. Começamos com a entrevista com as perguntas-chave enquanto Berva estava sendo maquiado por Lucas, seu amigo e também quadrilheiro da Junina Flor do Caruá. Nos contou sobre sua vida, família, relações com o São João e quadrilha junina, suas vivências enquanto uma pessoa da comunidade LGBTQIAPN+ e também sobre sua arte em fazer drag queen dentro da brincadeira popular. Berva é influencer digital, trabalha com internet e transforma seu cotidiano em humor para as pessoas que o acompanham nas redes sociais. Quando perguntamos sobre sua personagem drag queen, disse que seus seguidores recepcionaram muito bem a ideia e sempre o elogiaram pela coragem de dançar de dama na quadrilha junina.

Imagem 4 - Entrevista com Berva em sua casa



Fonte: Acervo dos Autores (2022)

Na casa de Berva, tivemos um resumo de como funciona a relação entre os quadrilheiros. Eles sempre se ajudam quando um precisa do outro. Seja para fazer a maquiagem, ajudar com o figurino ou ir juntos aos ensaios. Tudo isso faz com que essas relações acabem se estreitando e o grupo se torne como uma grande família.

Em seguida, terminamos de fazer as imagens e nos preparamos para ir de lá direto para o ensaio, enquanto Berva e seu amigo ficaram terminando as preparações e pegarem um carro de aplicativo para ir também.

Chegando na quadra de uma escola localizada no Salgado, encontramos Manu e mais alguns quadrilheiros, que já organizavam o espaço para os ensaios, caracterizados com figurinos de quadrilha. Conversavam pela quadra em grupos enquanto o restante da equipe não chegava. Fomos de encontro a Manu para cumprimentá-la e avisar que vínhamos da casa de Berva e também iríamos gravar ambas no ensaio.

Assim que Berva chegou ao local, se misturou aos grupos de conversa e nós aproveitamos para gravar Manu e ele nesse contexto. Depois que a equipe toda tinha chegado, deram início aos ensaios e a quadra ficou cheia de brincantes com roupas coloridas. Além de Berva, existiam outras drag queens que vestiam saias de babados coloridos.

Durante algumas horas de ensaio, gravamos Manu e Berva dançando junto com as outras pessoas e suas maneiras de socializar durante os intervalos. Sempre que paravam, ambos ficavam pela quadra conversando em grupos, tirando fotos e gravando vídeos. A diferença desse dia para o primeiro ensaio aberto que fomos, foi a ansiedade para o momento em que o presidente e coreógrafo iria revelar o tema escolhido para a quadrilha performar no ciclo junino. Assim que terminaram de ensaiar, os integrantes da quadrilha junina se juntaram em frente a uma televisão, como se estivessem assistindo uma final de temporada de “RuPaul's Drag Race”, famoso reality show de drag queens. Quase todos com os celulares nas mãos para registrar a revelação do tema anual. Depois de revelado, o coreógrafo apresentou o homenageado para toda a junina, que foi João do Pife. O músico então, conversou com todos, para falar sobre sua trajetória e logo pegou seu pífano, tocando para que todo mundo dançasse.

Finalizamos agradecendo a Manuely, Berva e também ao presidente da quadrilha Diogo Morais, pela oportunidade.

## **6.8 Apresentação no São João de 2022**

Após gravarmos entrevistas com Berva e Manu e depois fazer imagens deles nos ensaios abertos, estávamos prontos para finalizar os registros, construir a narrativa do nosso documentário e fazer a entrega. Porém, devido a problemas no nosso cronograma para o projeto, decidimos estender o tempo até o São João de 2022, com o objetivo de gravar no São João do Reencontro em Caruaru. Na ocasião, era a volta das apresentações das quadrilhas juninas nos festejos de junho da cidade e após o isolamento social e a aplicação das primeiras doses de vacinas em combate a covid-19.

Também, seria a primeira vez que Manu entraria em quadra para dançar no São João. Ela não tinha tido essa oportunidade, pois antes disso acontecer, foi justamente em 2020, quando a pandemia estourou mundialmente e todos os eventos públicos foram cancelados. Apesar dela ter se apresentado com a Junina Flor do Caruá em lives no canal da quadrilha no YouTube em 2020, sempre sonhou em participar do ciclo junino do maior e melhor São João do Mundo, em Caruaru, e também nos eventos em que a junina participava pela região.

Para a gravação, fomos diretamente para o polo das quadrilhas que foi montado dentro do Pátio de Eventos Luiz Lua Gonzaga. Chegando por lá, pedimos acesso aos bastidores do palco, onde as quadrilhas se reuniam e se preparavam antes das apresentações e também autorização para circularmos dentro da estrutura do evento para conseguir fazer a captação de imagens de Manuely e Berva.

Assim que chegaram, começamos a fazer as filmagens registrando a socialização antes da apresentação da junina. Embora estivessem muito ansiosos, Manu e Berva estavam muito concentrados para as performances. Foram para as arquibancadas e assistiram um pouco da apresentação de outra quadrilha. No *backstage*, brincantes se preparavam para as apresentações. Enquanto uma junina estava na quadra, outras ocupavam as salas para se organizarem, vestindo os figurinos e fazendo os últimos ajustes.

Registramos ao perguntarmos o que estavam sentindo e quais expectativas tinham para o momento tão aguardado. Manu estava muito ansiosa e emocionada e Berva, da mesma forma, acrescentou lembrando sobre a dedicação que tiveram durante a preparação para o São João.

Em seguida, um pouco antes de entrarem em quadra, quando ainda parte de outra junina saía do espaço, gravamos o momento emocionante quando Manu avistou sua mãe chegando ao local para prestigiar sua apresentação. Logo após, outros familiares se juntaram à mãe dela e abraçaram a brincante. Para nós foi um momento muito importante, pois antes, na primeira entrevista, Manu já tinha falado sobre a relação com sua mãe e questões de sua transição de gênero.

Assim que entraram em quadra, focamos em registrar os momentos marcantes da apresentação a fim de ilustrar e registrar o grande momento em que protagonizaram, depois de tanta espera. Era um momento importante para nós também, afinal, era a consolidação da jornada que estavam passando quando iniciamos a pesquisa e uma parte importante para compor o nosso documentário.

Imagem 5 - Berva e Manu em meias às damas da Junina Flor do Caruá no São João de 2022



Fonte: Acervo dos Autores (2022)

Por fim, depois que terminaram a performance em quadra, comemoraram com os integrantes da junina e encontraram amigos e familiares, pedimos que gravassem outro depoimento com uma fala sobre o que sentiam depois de tudo vivido em quadra. Para Manuely e Berva, era um momento de realização, depois de muito cansaço e dedicação durante anos, estavam felizes em voltar a comemorar o São João. Era apenas o começo de um ciclo de apresentações oficiais dentro da programação junina de diversas cidades da região. Mas para nós, o fim da etapa de gravações.

### **6.9 Processo de pós-produção do filme (montagem, edição e finalização)**

“É Babado!” (2023) foi filmado durante a pandemia, com equipamentos emprestados que mal sabíamos manusear — mas que aprendemos — com uma equipe composta por nós mesmos, ocupando todas as funções nessa realização. Diante de todas as dificuldades que enfrentamos, a etapa mais longa e desafiadora foi a pós-produção.

Foram meses revisitando o extenso material gravado e que já não parecia se encaixar de forma lógica em nossas mentes. A frustração foi uma grande inimiga durante esse processo e enfrentá-la nos custou muita saúde mental, atingindo um

esgotamento emocional. Porém, finalizamos a decupagem do material e isso parecia um começo do que poderia vir a ser uma luz no fim do túnel.

Entramos em contato com a técnica de audiovisual do Curso de Comunicação Social do campus e conversamos sobre a possibilidade de passarmos a ela essa função de edição do documentário. Fomos orientados a fazer um prévio roteiro de montagem para que assim ela pudesse iniciar em conjunto conosco.

No entanto, o filme parecia um quebra-cabeça impossível de ser montado. Estávamos afundados em frustração. O tempo foi passando e perdemos a oportunidade de repassar essa tarefa para outra pessoa, tendo assim nós mesmos que cumprir essa missão.

É provável que o bloqueio que estávamos enfrentando tenha sido não somente pela insatisfação com o andamento em lentos passos do trabalho, mas também por este nos ter obrigado a suprir todas as demandas que um filme necessita. Ocupar todas as funções que precisavam ser exercidas. Talvez o maior aprendizado que a realização desse projeto tenha nos proporcionado foi perceber, na prática, que a produção de um filme é uma experiência coletiva. É possível fazer sozinho, mas com certeza com muito mais qualidade quando em conjunto.

Surgiu então, a oportunidade de participar de uma oficina de montagem durante o 10º Festival de Cinema de Caruaru e foi essencial para nos auxiliar nesse processo. Muito do que sabíamos a respeito de montagem era superficial e se confundia com edição. A montagem é uma das partes mais importantes na formação de um produto audiovisual. Antes dela não existe filme. E era o que tínhamos, apenas material bruto e nenhum documentário.

Acreditávamos no projeto e queríamos que ele fosse finalizado, ganhasse o mundo. Por um lado, devíamos a Manu e Berva, protagonistas e representantes dessa história, que mereciam um retorno, e por outro, para nossa auto-estima, já muito ferida por causa de um trabalho emperrado em avanços.

Assim como todo o conhecimento que havíamos obtido na sala de aula, conhecer, ouvir histórias e relatos de atuantes do audiovisual na nossa cidade, foi também peça importante para o nosso engajamento com o trabalho. Alguns destes que já conheciam o sentimento de frustração por estar preso a um trabalho como esse. Foi um momento de reconhecimento, validação de nossas angústias, ainda mais acentuadas por não sermos profissionais experientes.

Seguindo o estudo sobre a execução da montagem, o teórico de cinema e TV Ken Dancyger (2007) afirma que o montador tem função essencial, criativa e de responsabilidade. Segundo ele, partindo da premissa que a montagem de um documentário é mais livre do que a de um filme dramático, o montador conseqüentemente tem mais liberdade na construção da seqüência fílmica documental.

Uma das mais interessantes dimensões do documentário é a liberdade estética que está disponível mesmo com limites políticos e éticos. Os realizadores são basicamente livres para experimentar misturas de som e imagens que capturam descobertas que eles acham úteis. Suas escolhas podem ser incidentais para toda a formatação do filme. (DANCYGER, 2007. p. 339).

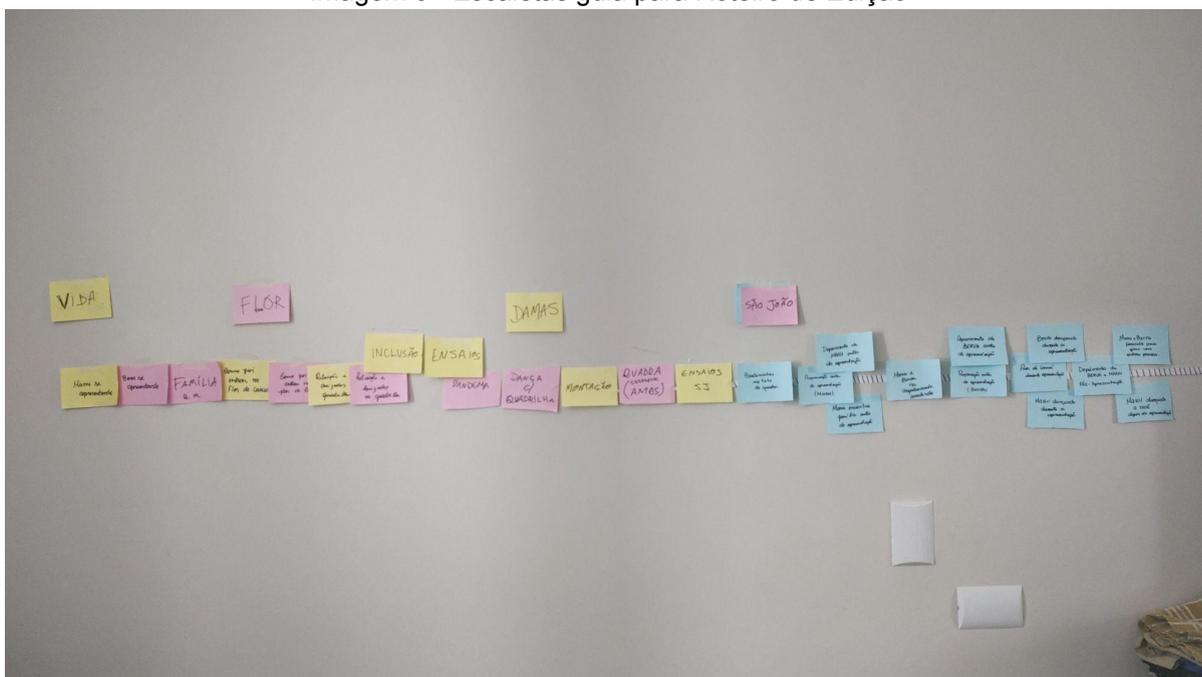
Segundo o teórico, o filme pode ser montado a partir de uma seqüência favorável à narrativa, construindo formas de comunicar a mensagem da melhor maneira, seja visual, sonora ou conceitualmente. Dando aos realizadores total liberdade estética para montagem do documentário.

Nessa perspectiva, foi possível perceber que muitas das vezes o próprio material ditava o que deveria ser feito. Por exemplo, optamos por agrupar e alternar respostas de Manu e Berva que haviam sido feitas às nossas perguntas. Assim o roteiro de perguntas-chave foi essencial, sendo uma ferramenta de entrevista, auxiliando no roteiro de edição e montagem do documentário.

Ainda que tivéssemos o roteiro como norteador do que seria priorizado dentro do filme, nos deparamos com o fato de que, esse guia não seria o suficiente para que pudéssemos construir e montar uma narrativa adequada ao material já produzido. Quais as formas possíveis de se contar a história do material que tínhamos captado? O que queríamos comunicar com esse filme? Sob todas aquelas mazelas e circunstâncias, a liberdade era tanta e se fazia muito desafiadora.

Logo, como uma opção mais segura e lógica, não só decidimos permanecer com o uso das perguntas-chave feitas nas entrevistas, mas também preferimos o uso da cronologia dos dias de filmagens. Voltamos ao desenvolvimento do roteiro para iniciar a montagem. Utilizamos o sistema de escaletas, como nos foi orientado, escrevendo tudo o que era possível de ser encaixado dentro do tema presente, incluindo o que já havia sido gravado. Existia uma quantidade diversa de assuntos captados nas conversas que seriam importantes em outro contexto, mas acabavam fugindo dos objetivos da nossa pesquisa.

Imagem 6 - Escaletas guia para Roteiro de Edição



Fonte: Acervo dos Autores (2023)

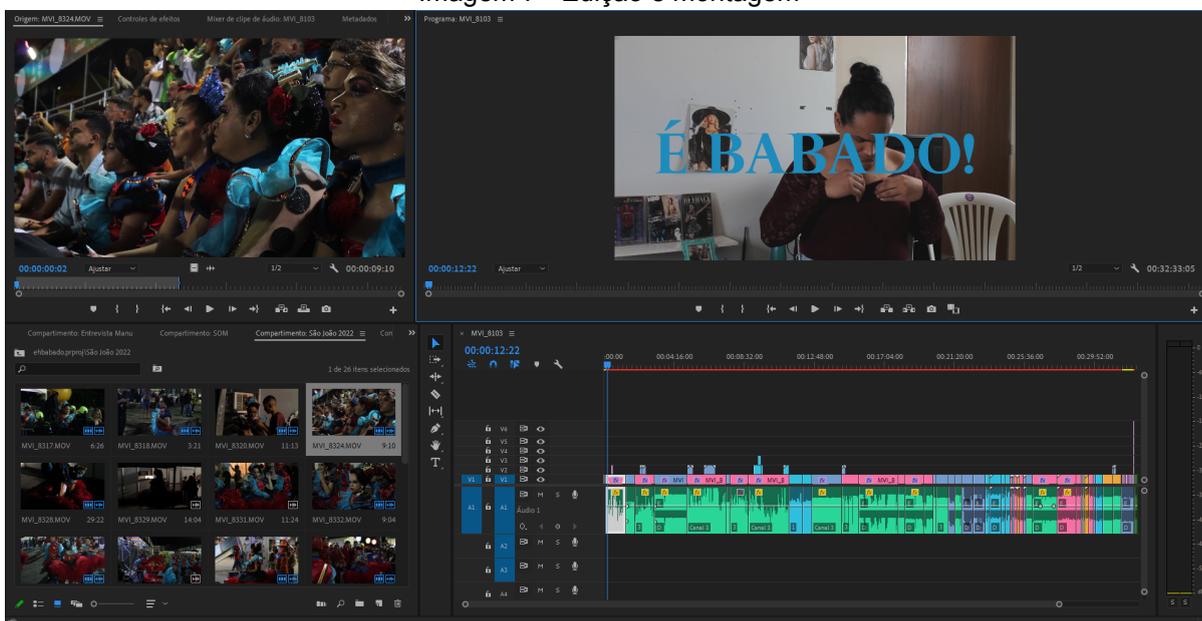
Encontramos conflitos nesse processo, uma vez que as filmagens ocorreram em momentos diferentes durante a pandemia. Algumas falas soavam antagônicas entre si e por esse motivo, decidimos que seria ético de nossa parte informar os períodos das filmagens dentro do filme. Por exemplo, Berva comenta sobre ensaios que foram esporadicamente realizados em 2021, com uso de máscara, álcool em gel e todos os outros protocolos de segurança à saúde. No entanto, em sobreposição, mostramos imagens de ensaios em fevereiro de 2022, ano no qual a pandemia se encontrava em outro momento. Assim, percebemos a necessidade de uma nota explicativa nos créditos iniciais do filme.

Ainda, os ensaios da quadrilha eram de extrema importância para o nosso trabalho, pois foram nesses momentos que a sociabilidade ocorreu de forma mais nítida e abrangente. Então era de extrema importância que estes registros estivessem presentes no documentário.

Caminhando para o desenvolvimento da edição, as tarefas começaram a ficar menos subjetivas e mais objetivas, porém não muito fáceis, afinal tínhamos apenas conhecimento básico do programa de edição. Priorizamos modificações simples, cortes secos, transições suaves, sincronia dos áudios, correção de cores, títulos e

créditos. Uma narrativa coerente e interessante também foi nosso objetivo no momento de montagem e edição.

Imagem 7 - Edição e montagem



Fonte: Acervo dos Autores (2023)

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da falta de representações midiáticas a respeito de pessoas LGBTQIAPN+ nas quadrilhas juninas de Caruaru, percebemos a necessidade de um trabalho como esse a ser realizado. O objetivo de produzir um documentário foi alcançado e é possível notar seu valor enquanto registro de uma realidade que insiste em seu direito à memória.

Sabendo como as expressões populares são construídas e que muitas das pessoas LGBTQIAPN+ são protagonistas nessa estrutura, observar a sociabilidade da comunidade dentro das quadrilhas juninas foi essencial para entendermos melhor como se sustentam essas relações. Autores como Menezes (2019), Melo (2018), Noleto (2016), Barroso (2017), Castro (2018), Di Deus (2014) se debruçam sobre o tema para entender como essas comunidades interagem, se relacionam, são inseridas e representadas em seus contextos de quadrilha, considerando os locais os quais pertencem.

Nos ensaios e dentro das quadras onde se apresentam, essas pessoas constroem suas relações afetivas e suas redes de apoio. Mesmo que a presença massiva de pessoas LGBTQIAPN+ seja transformadora e mantenedora de

processos de inclusão nesses espaços, ainda existem algumas lacunas que precisam ser ocupadas. Um exemplo é a ausência de homens trans e transmasculinos nas quadrilhas juninas da região, o que demanda também pesquisas acerca do assunto.

Foi necessário entrar em contato com as pessoas, entrevistá-las, e usando dos métodos de entrevistas em profundidade e semiestruturada, com roteiro de perguntas-chave, obtivemos resultados positivos. Durante esses momentos de troca, foi possível gerar novos questionamentos e conhecimentos acerca da temática. Adotar essa metodologia foi essencial para que pudéssemos obter respostas mais subjetivas, que abordassem complexidades e vivências do e da entrevistada.

O processo de montagem e edição do material proporcionou a possibilidade de construir uma narrativa não apenas que trouxessem as particularidades da comunidade, mas também as singularidades vivenciadas por cada pessoa entrevistada. Também nos fez reconhecer que uma produção demanda muita dedicação e trabalho coletivo, pois para se atingir uma qualidade técnica, um filme passa por diversas mãos até chegar à tela das pessoas. Assim como uma quadrilha junina é composta pela diversidade de pessoas e identidades sexuais, o cinema também é feito de muitas narrativas.

## REFERÊNCIAS

- MORAES, Fabiana. As damas masculinas do maracatu. **Jornal do Comércio**, 2015. Seção Reportagem. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/jc-mais/noticia/2015/02/08/as-damas-masculinas-do-maracatu-167252.php>>. Acesso em: 28 out. 2023.
- BARROSO, Hayeska C. “O São João é gay!!”: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. In Revista Periódicos. N. 6. V. 1, p. 179-197, 2017. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicos>>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- \_\_\_\_\_. **Dança Joaquim com Zabé, Luiz com laiá, dança Janjão com Raqué e eu com sinhá: a espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos juninos.** Orientadora: Andréa Borges Leão. 2019. 169f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CHIANCA, L. D. O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1722. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1722>>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- CASTRO, T. S.; PAIVA, A. C. S. **Reinventando tradições: um olhar sobre as experiências de sujeitos queer no contexto das quadrilhas juninas do Ceará.** In: 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020. Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS, 2020. Disponível em: <<https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czoNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPljtzOjQ6IjM1ODUiO30iO3M6MToiaCI7czozMjoiNmJhNmQ3NDk4NzhkMTIkNzZhYTNiYmQzNTImY2ZiZGliO30%3D>>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- CLADISSON. Um São João drag queen. **Reportagens Especiais**, 2021. Disponível em: <<https://reportagensespeciais.medium.com/um-s%C3%A3o-jo%C3%A3o-drag-queen-3284273ed02b>>. Acesso em: 29, jun. 2021.
- DANCYNGER, Ken. **Técnicas de Edição para Cinema e Vídeo.** História, Teoria e Prática. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- DI DEUS, Eduardo. **Quadrilhas juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre.** Sociedade e Cultura, [S. l.], v. 17, n. 1, 2015. DOI: 10.5216/sec.v17i1.36878. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/36878>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

Caruaru divulga o balanço do São João 2023. **Diário de Pernambuco**, 2023. Seção Festividade. Disponível em:

<<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2023/07/balanco-do-sa-o-joao-2023-de-caruaru-com-recorde-de-publico-com-3-6-mi.html>>. Acesso em: 24 out. 2023.

MATRIZES Tradicionais do Forró recebem título de Patrimônio Cultural do Brasil.

**GOV, Ministério do Turismo**, 2021. Seção Notícias. Disponível em:

<<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/uma-das-mais-importantes-manifestacoes-populares-as-matrizes-tradicionais-do-forro-sao-reconhecidas-como-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 01 fev. 2023.

MELO, Liana de Queiroz. “**Na minha quadrilha só tem gente que brilha**”:

**corporalidades dissidentes e direitos humanos nas quadrilhas juninas do**

**Recife/PE**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos.

Recife, 2018. Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/30583>>. Acesso em: 14 abr. de 2021.

MENEZES NETO, Hugo. **O São João Também é Trans. Resenha do filme de Thiago de Castro sobre a experiência das mulheres trans nas quadrilhas juninas de Sobral-CE**.

REBEH: Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 02, p. 210-217, 2019. Disponível em:

<<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10118>>. Acesso em: 14 abr. de 2021.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

NOLETO, Rafael da Silva. “**Brilham estrelas de São João!**”: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém – PA. Tese

(Doutorado) Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. **Caipira, Mulata, Simpatia e Gay: reflexões sobre gênero, raça e sexualidade nos concursos de Miss das Festas Juninas em Belém - Pará**. In: III

Seminário de Antropologia da UFSCar, 2014, São Carlos - SP. Anais do III Seminário de Antropologia da UFSCar. v. 1. p. 636-643, 2014c.

\_\_\_\_\_. Casamento em performance, parentesco em questão: gênero e sexualidade no São João de Belém, Pará. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 51, e175120, 2017. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332017000300512&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000300512&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 abr. 2021. Epub 08 jan. 2018.

<https://doi.org/10.1590/18094449201700510020>.

\_\_\_\_\_. Regulamentos da cultura: diversidade sexual e de gênero nos concursos juninos de Belém. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 28, n.1, e56099, 2020 .

Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2020000100221&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000100221&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Abr. 2021. Epub May 15, 2020.  
<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n156099>.

PINTO, Maria José de Souza. Quando Jhonatan deixou Manu brilhar. **Reportagens Especiais**, 2021. Disponível em:

<<https://reportagensespeciais.medium.com/quando-jhonatan-deixou-manu-brilhar-2c9cf6595172>>. Acesso em: 29, jun. 2021.

SANTOS, João Gabriel Lourenço da Silva. **Bravo! a interferência da arte drag nas relações pessoais do (a) artista que performa o transformismo**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2019.

TUYO. **Sonho Antigo**. Cidade: São Paulo. Gravadora: BMG Brasil. 2022. Suporte (4min 4seg).

Ficha Técnica do Filme **Bichas Aliadas**:

Direção: Cladisson. Pesquisa: Cladisson, Nicole Martins, Wesleyanne Ramos.  
 Roteiro: Cladisson, Nicole Martins, Wesleyanne Ramos. Direção de Produção: Nicole Martins. Edição: Cladisson. Cinegrafia: Cladisson e Wesleyanne Ramos.  
 Entrevistadas: Bruna Vasconcelos, Diego Daniel Teixeira, Kaíque Matheus, Ellen Mayara, Melly Moura de Queiroz Silva, Iara, Wesley Kendall, Windslany Andrade, Dinaldo José, Fabiano José, Letícia.  
 Fora de circulação.

Ficha Técnica do Filme **São João Também é Trans**:

Direção: Thiago de Castro. Pesquisa: Thiago de Castro. Roteiro: Thiago de Castro.  
 Direção de Produção: Thiago de Castro. Cinegrafia: Ulysses Sousa. Edição: Wellington Bessa. Produção Artística: Wenderson Oliveira. Entrevistadas: Islândia Nara; Andrynk; Helge Sousa. Trilha Sonora: 1)Denilson Sousa - Solo da Rainha, Quadrilha Estrela do Luar 2018 2) Heitor Villa-Lobos, Ciranda N°15 - Que lindos olhos, CD Cirandas - Olinda Alessandrini.  
 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T35r1LJQFQc>

## APÊNDICE A - ROTEIRO GUIA DE EDIÇÃO

### É BABADO!

Código	Tempo	Vídeo	Áudio
		VIDA	
MVI8103	00'00 - 01'15	Início, apresentação - Manu em perfil	
MVI8292	00'14" - 00'44"	Apresentação de BERVA. Roberval, tem 24 anos, é de Caruaru, nasceu aqui, cresceu aqui. Atualmente é influencer, trabalha com a internet, mostra seu dia a dia e traz a realidade da vida com humor. É quadrilheiro e dança como dama desde 2019, mas participa de quadrilhas desde 2016.	
		FAMÍLIA	
MVI8110	00'43"- 1'55"	Foto da mãe - Manu fala um pouco sobre sua mãe e a relação entre elas.	
MVI8292	3'14" - 5'15"	Sobre a relação da família com a montagem dele. A irmã mais nova cresceu vendo o irmão se montar. No começo, foi complicado a mãe aceitar, mas hoje é mais tranquilo depois que ela entendeu a diferença entre ser drag e trans.	
		FLOR DO CARUÁ (Quadrilha)	
MVI8103	(05'58") / 06'25"- 06'53"	(Pesquisou quadrilha em Caruaru)/Se sentiu rejeitada/Encontrou o par	
MVI8283	01'01" -01'17"	Onde começou a dançar (primeira quadrilha)	
		INCLUSÃO	
MVI8103	09'33" - 09'46"	Fala dos grupinhos na quadrilha	
	09'47"	Inclusão de novatos na quadrilha	
		ENSAIOS	
		Falas de Manu sobre os ensaios na pandemia. Máscaras e Álcool em gel.	
		PANDEMIA	
MVI8285	00'03 - 01'49"	A pandemia teve início em 2020, 15 dias após a revelação do tema. Ensaios cessaram durante o ano.	

Código	Tempo	Vídeo	Áudio
		Retorno dos ensaios foi em 2021, mas retornou sendo a cada 2 semanas e não todos os sábados como era antes. Muita gente deixou de dançar quadrilha após a pandemia. Outras pessoas puderam conhecer a quadrilha e passaram a participar também. Decidiram fazer uma live na época do são joão que não houve festividades presenciais. Conta que foi como participar de um evento grandioso. (sobreposição com as lives)	
		DANÇAR NA QUADRILHA	
MVI8113	06'41" - 07'59"	Não se considerava quadrilheira ainda (a importância do são joão)	
	08'00" - 09'11"	Expectativa para o são joão	
	09'12" - 09'27"	"Embora não tenha dançado ainda..."	
	09'28"	"...minha vida só depende desse momento agora."	
		SOCIABILIDADE	
MVI8105	03'38" - 06'24"	Relações nos ensaios ....	
MVI8122	02'52" - 03'24"	O mais importante que a quadrilha trouxe -> "as amizades" "alegrias"	
	03'28" - 04'04"	"além de amigos..., me divertir, conhecer novas coisas"	
MVI8123	00'00" - 00'20"	"eu me sinto muito feliz em dançar na quadrilha"	
MVI8281	02'25" - 02'38"	Amizade com pessoas de outras quadrilhas	
MVI8281	03'22" - 04'05"	Socialização ao entrar na quadrilha	
		MONTAÇÃO	
MVI8122	01'36" - 03'27"	Como tu se sente quando se monta?	
MVI8124	01'32"	Momento de se montar (com os amigos)	
		ENSAIOS SÃO JOÃO	
		adicionar imagens dos ensaios antes da apresentação, transicionando com as entrevistas	

Código	Tempo	Vídeo	Áudio
		SÃO JOÃO	
MVI8330	00'16" - 00'44"	MANU ouve a pergunta "chegou o grande dia, e aí, ta sentindo o que?" e se emociona. Fala sobre a luta de chegar até o dia da apresentação.	
	00'45" - 01'28"	"E pra MANU, o que fez essa expectativa?" Ela fala que se sente outra pessoa, 100% diferente. Respira fundo e diz que o coração está a milhões. "Estou muito ansiosa". Fala que está pra mostrar... e se emociona.	
	01'29" - 02'06"	Recebe elogios: "vai dar tudo certo", "você tá linda, maravilhosa". Balança a saia. "Vem aí, é isso". Ela manda um beijo e fala sobre o TCC, nota 10. "Pq Manuely é isso, Manuely entrega".	
MVI8346	00'16" - 00'27"	Após a pergunta, Berva fala sobre a expectativa de voltar ao São João para dançar quadrilha. "Eu me arrepio só de falar". Fala que a quadrilha esperou tanto e que está feliz e ansioso.	
		DURANTE APRESENTAÇÃO DA QUADRILHA	
		Adicionar imagens da apresentação da Flor do Caruá	
		FINAL	
MVI8419	00'03"	Entrevista com depoimento de BERVA E MANU DEPOIS da apresentação.	

Legenda: Rosa - Manu; Azul - Berva; Amarelo - Imagens com ambos em cena.

## APÊNDICE B - PERGUNTAS-CHAVE

### VIDA

**Quem é Manu? (nome, idade, de onde é, o que faz)**

Qual tua trajetória? (vida em Surubim, infância, adolescência e etc)

- **Como foi o teu processo de descoberta como mulher trans?**
- **Como foi a recepção com a tua família e tuas amizades?**

Há quanto tempo tu mora em Caruaru? Por que se mudasse pra cá? Como foi se adaptar por aqui? Já conhecia pessoas da cidade?

- Tu acabou de se mudar, como tá sendo esse processo de mudança? Por que saísse de onde tu morava?

Como é tua rotina do dia a dia?

O que tu faz durante os dias que não tá trabalhando?

### QUADRILHA

#### *Dança*

Como você conheceu a dança? O que ela significa pra tu?

Quando foi que tu começou a dançar? (começou na quadrilha atual ou antes?)

Por que decidisse dançar quadrilha especificamente?

#### *Flor de Caruá*

**Como foi a tua entrada na Flor de Caruá? Fizesse amizades rapidamente?**

**Quais relações tu construiu durante a quadrilha? Essas amizades se mantiveram até hoje?**

**Como funcionam os ensaios? (Quanto tempo e períodos do ano)**

- **Tu sempre dançou como dama na quadrilha? (se não, como foi o processo pra isso acontecer?)**
- **Tu acredita que estar na quadrilha foi uma forma de inclusão?**

**O que de mais importante a quadrilha te trouxe?**

#### *Personagem*

**Como tu se sente quando dança com a quadrilha?**

**Como tu se sente quando se monta pras apresentações?**

**Como tu se sente quando entra na quadra pra se apresentar?**

Qual teu processo de se arrumar? Quanto tempo de preparação?

O que normalmente usa? (maquiagem, roupa, cabelo, etc - mostrar imagens)

#### *São João*

Qual tua relação com o São João? O que ele significa pra você?  
Como é o teu dia a dia durante a época de São João?

*Pandemia*

E como tem sido a rotina durante a pandemia?  
Como a quadrilha tem se mantido durante a pandemia?  
Vocês continuam ensaiando?

Legenda: **Rosa** - Perguntas priorizadas na construção da montagem e edição do documentário.

CLADISSON RAFAEL PEREIRA DE MÉLO  
NICOLE ELLEN MARTINS SIMÕES

**“É BABADO!”**: Um documentário de curta-metragem sobre a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ na quadrilha junina Flor do Caruá

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Comunicação Social.

**Área de Concentração:** Comunicação.

Aprovada em: 27/09/2023

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Iomana Rocha de Araújo Silva  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Examinadora Interna: Prof<sup>a</sup>. Dra. Fabiana Moraes da Silva  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Examinador Interno: Prof<sup>o</sup>. Dr. Hugo Menezes Neto  
Universidade Federal de Pernambuco